

O COLECIONADOR DE CENAS

Elvina Maria Caetano Pereira

Adriano reviu os detalhes do plano. Parecia sem falhas. Ele sabia como agir, vira nos filmes. E, como nos filmes, tudo cronometrado: ela sairia da aula às onze, subiria sozinha e distraída, lendo. Do curso ao portão de sua casa dois quarteirões. Ele estava suando um medo frio. Poderia dar tudo errado. talvez ela não tivesse ido à aula. talvez tivesse saído mais cedo. talvez alguém fosse buscá-la. Faltavam dez minutos.

Maria Luísa olhou o relógio. dez minutos. Estava nervosa. a aula chata. Preferia não ter ido. Abstraiu-se da sala e mergulhou no romance... ser amada por um homem imortal. ser imortal. personagem de Beauvoir.

O sinal... Ótimo. Juntou suas coisas e saiu. Abriu o livro. Começou a subir a rua. Realmente estava nervosa, o ar estranho. Não conseguia manter a tranquilidade ao fazer o caminho mal-iluminado. la lendo. não ficava paranóica.

Lá vinha a mocinha. Lendo. Que tanto ela lia? Continuava com medo. O frio no estômago. Nos filmes, as pessoas tinham medo. Não Humphrey Bogart ou James Cagney. Mas ele não era o herói, só o bandido. E nem era o bandidão: apenas um bandidozinho covarde. Por isso, o medo. E se falhasse? Mais alguns passos e acabaria tudo. De um modo ou de outro. Só mais alguns passos...

Ouviu passos atrás de si. Paranóia. Sempre ouvia os tais passos. Continuou a ler. Devia ser alguém do curso. Deu uma olhadinha. É, tinha um rapaz subindo. Sem perceber, andou mais depressa. Os passos continuavam, próximos. Ninguém iria tocá-la. Sentia um frio no estômago, as mãos geladas. De repente,

agarraram-na por trás. Seu livro voou longe. tentou defender-se. Ouvia um carro. Graças a Deus, estava salva! O veículo parou. As portas se abriram. Foi jogada para dentro. O carro arrancou.

Antes que sua visão se adaptasse ao ambiente, puseram um pano sobre sua cabeça. Não viu mais nada. Tentou lembrar-se do rosto do rapaz, não conseguiu. Começaram a falar: criticavam-no. Não levava o capuz. Ela poderia tê-los visto. Estava perdida, eles iriam matá-la.

Estava perdida, eles iriam matá-la.

A garota estava com medo. Ele podia sentir o seu pavor se formando e saindo pela boca, pelos olhos, pelos cabelos... De olhos fechados, Adriano via o rosto branco e sentia as mãos geladas. O corpo tremendo e os olhos assustados. Sim, ela estava com medo.

E aqueles idiotas que não paravam de falar. Criticavam-no. Não tinham a menor noção do perigo, coitados. E daí, se não levaram o capuz? Os imbecis levaram, não levaram? Agora, não se sentia mais um Infimo e pusilânime bandido. Seu sangue corria nas artérias renovado e cheio de energia, de sensação de poder. Era o senhor do mundo, o Inimigo Público Nº 1.

O carro parara. Tinham entrado em algum lugar. um galpão? Estava viva ainda. Não sabia por quanto tempo. Ouviu o barulho das portas sendo abertas e esperou. Esperou. Estranho, saíram do carro e deixaram-na sozinha. Não se mexeu. Queria tirar o tal pano do rosto. Era o que faria daqui a pouco, se nada acontecesse... De mansinho (de um modo que pensou discreto) foi levando a mão até a borda do capuz.

— Tire a mão daí, moça. Será melhor para a sua saúde.

Então eles a vigiavam. E aquela frase, que coisa mais cinematográfica. Meu Deus, ainda tinha humor para brincar com um assunto tão sério! Pois bem, vigiavam-na. Ficaria quietinha, cuidaria da sua saúde. Sentiu uma mão em seu braço. Colocaram-na de pé e arrancaram o paninho de sua cabeça. Por um momento, não conseguiu divisar nada. Depois... não acreditava no que via. Era ridículo. Sem querer, começou a rir.



Ilustração: Walfredo Macedo Veiga Júnior

O rapaz sentado à mesa, fantasiado de gângster, era inexpressivo. Quadro de tintas aguadas. Toda a sua força residia no capote cinza e no chapéu de aba. Pálido, doentio, cercado de figuras tiradas de um filme B. Sobre a mesa, pendia uma lâmpada de luz mortíçã. Havia dois asseclas ladeando o pesado móvel, vestidos a caráter: sobretudos, armas e caras de mau. Um filme fora de foco ou um pesadelo alucinado.

O rapaz estalou os dedos e um dos homens jogou um pacote sobre ela. Maria Luísa abriu. Uma roupa. Antiga. Igual a uma que vira, certa vez, Lauren Bacall usando. Positivamente, o sujeito era maluco. Será que ele queria que ela vestisse aquilo na frente de todo mundo?

— Saiam, rapazes. Ou querem que ela se vista na frente de todo mundo?

Aquilo era um filme. Ela estava dentro de um filme. Ele falava de um modo durão. E ela, ela era a heroína. A mulher perigosa que ele chamaria de anjo.

Foi para trás do carro e trocou-se. Olhou seu reflexo nos vidros das janelas. Então era isso. com aquela roupa, a semelhança com a atriz era surpreendente. Sentiu uma onda de pânico invadí-la. Estava nas mãos de um homem completamente louco.

A garota rira. No entanto, logo percebera a situação. Quem mandava era ele. O plano, o lugar, os homens. tudo era dele. Desde menino, tinha fascinação por films noir. Geralmente preferia os bandidos. A não ser quando o detetive era o Bogart. Era durão como ele.

Tudo começara no dia em que vira a moça andando na rua. Conhecia aquele rosto, tinha visto o filme várias vezes. Era Lauren. A sua Lauren. Seguiu-a e descobriu toda a sua vida: quem era, onde morava, o que fazia.

A idéia surgiu como um rio em sua mente. Um filete crescendo, crescendo... até tomar conta, caudaloso. O fascínio da idéia tomou sua mente. la elaborando, aperfeiçoando cada detalhe. Viveria a história que sempre desejara. Seria o personagem principal. Decidira raptá-la e fizera todos os planos.

Encarregou-se pessoalmente, evitando que a machucassem. Contratou homens para serem os "rapazes". Eles o julgavam maluco, Adriano sabia, mas era ele quem pagava. Obedeciam. Comprou um galpão: em uma parte montou seu escritório, noutra, uma casa para ela. Móveis antigos. para a sala. para o quarto.

A mocinha gostava dos mesmos filmes, certificara-se. Entenderia o seu papel. Mais bela ainda com aquele traje feito em sua homenagem. Laura. E ele seria Sam.

Ela estava com medo. Todos o consideravam durão, mas Laura deveria saber que ele gostava dela. Tudo bem, de vez em quando lhe dava umas bofetadas. Só para mostrar que não suportava o sarcasmo com que ela falava.

Não sabia há quanto tempo estava presa ali. Enlouquecia. O rapaz a tratava como personagem de uma fita. Instintivamente correspondia aos desejos dele. Sam a chamava de Laura. de boneca. de anjo. Ela o xingava. Agia como uma mulher sofisticada, sarcástica e fatal. ele a esbofeteava. Fazia parte do script. Os "rapazes". Apareciam somente para levar comida e roupas limpas. Traziam adereços novos: chapéus, luvas, carteiras. Ganhara até um revólver pequeno. De cabo de marfim, como convém a uma dama.

Tinha alguma coisa de errado naquela história. Emperrara, monótona. Notava que faltava algum detalhe... percebeu: Laura não se apaixonara por ele. As garotas não costumavam resistir, apaixonavam-se loucamente. Fora o tratamento. Não a beijara ainda.

Sam estava diferente. Nesse dia, a desprezara sem tréguas. Foi ao escritório. Ele não lhe deu atenção. Saiu furiosa e foi para casa. Estava lá, sozinha na sala, quando Sam entrou.

— Você mentiu, boneca. Por que não disse que Tonny a procurou?

— Eu não menti. Apenas não lhe devo contas de meus passos.

Laura pegou um cigarro. Moveu-se até o detetive.

— Tem fogo? — perguntou, insinuante.

Sam acendeu o cigarro, tomou-a nos braços no instante do movimento seguinte. um beijo.

Se ele era durão, ela podia ser muito mais. Decidiu não reagir. Ficou quieta, esperando que acabasse. Lentamente, levou o cigarro aos lábios e deu uma profunda tragada. Expirou a fumaça devagar. sobre o rosto de Sam.

— Acabou, Spader? Suponho que possa voltar à investigação.

Ele pegou o chapéu e saiu. sem estapeá-la. Algo estava mudando... se cansara dela.

Maria Luísa mergulhara naquele sonho. Doentia, apaixonara-se por ele. Duvidava que permanecesse com vida. Ele estava entediado e iria matá-la. Ela sempre quisera ser imortal. Não importava mais. **Todos os homens são mortais...** Era Laura e o seu único desejo era dobrar aquele detetive cínico. Perdera o controle, não gostava disso. Resolveu procurá-lo. Estava sentado, os pés sobre a mesa, uma garrafa de uísque pela metade.

— O que foi, anjo? Esqueceu de me contar alguma coisa?

— Não, Sam. Resolvi me livrar de você...

Laura/Maria Luísa tirou o pequeno revólver da bolsa. Apon- tou para ele. Atirou. Com o impacto da bala, Adriano compreendeu que era de verdade. A bala. O sangue que inundava sua roupa. Olhou para ela. Trêmula e horrorizada, segurava a arma. Nada o preparara para aquele desfecho. Aquilo, não estava nos filmes.